

# O ESPOZENDEENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: *A. Elias*.—Editor: José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

**Assinatura:** Anno, sem esta-pilha \$5000 rs.—Com esta-pilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

**Anuncios:** Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comum. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

\* \* DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA \* \*

TEOTONIO DA FONSECA

Espozende e o seu concelho

XII

**BELINHO**

(Continuação do n.º 1.362)

Se visse a ancia, com que as mulheres se lançavam a mim, quando descia pela Igreja abaixo, para beijar-me os vestidos!

Pois lagrimas na despedida d'algumas velhas, estando eu para montar a cavallo, até chegaram por detraz a deitar-me os braços ao pescoço: e eu que lh'ò não estranhava; mas antes dando todo o valor a estas inocentes demonstrações de ternura filial!

De Belinho foi o arcebispo para Palme, onde se demorou dois dias; e d'ali para Carvoeiro, hospedando-se no mosteiro, donde escreveu aquella carta.

Mas voltando á fréguesia de Belinho, traz da igreja, na encosta do monte sobe uma calçada antiga ao lado da qual foram construidos alguns nichos, hoje vazios em que eram representados os Passos da Paixão de Cristo e que servia de itinerário á procissão de Passos quando se fazia nesta fréguesia.

Desses nichos apenas se veem seis, mas completamente abandonados.

Existem as seguintes capelas.

A Capela de Nossa Senhora da Cruz, no cabeço do monte que fecha os horisontes desta fréguesia a nascente, é pequenina, muito branca, e situada em um ponto elevado donde se disfruta um panorama admiravel; lá de baixo parece uma destas miniaturas de capelas que os devotos colocam nas cascatas nos festejos aos santos populares.

Há aqui uma gruta, rocha mal conformada, broqueada pela natureza, mal cabendo uma pessoa de regular estatura.

(Continúa)

**Joel de Magalhães**

MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12  
e em Fão das 14 ás 15  
e meia horas

## AQUA NON HABEMUS

Não temos água!... Eis a triste noticia que com pezar profundo somos obrigados a constatar.

Há algum tempo a esta parte, nos referiamos que a água da vila era ordinária, mas hoje nem tanto podemos dizer, porque simplesmente funciona uma bica e esta mesmo com metade da quantidade que costumava deitar. Isto equivale a dizer-se que não temos água, o que é em boa lógica uma vergonha das mais vergonhosas, mormente para uma vila como a nossa, onde o precioso liquido jamais devia escassar.

Será por ventura acertado que os habitantes da vila tenham a irrefragavel necessidade de andarem uns por casa dos outros em procura da água que existe nos poços? Será rasoavel ainda que se tenha de ir a Goios, cêrca de 4 quilometros, buscar água? finalmente como explicar, o sermos obrigados a consumir uma água doentia, das piores proveniencias, que apenas nos pode prejudicar?

Nenhuma das interrogações podem ter resposta positiva, pelo contrário, negativa e bem negativa.

Faça-se sem demora o empréstimo para a água, porque não há uma unica pessoa, capaz de afirmar com solido conhecimento, que o empréstimo para o encanamento da água do Bouro seja inutil. E se alguém se manifesta contra a dotação de mais um belo melhoramento, estamos convencidos, que depois de encanada saber-lhe-ão dar o seu verdadeiro valor, quer atendendo á comodidade, quer tendo em conta a qualidade que é uma das melhores águas dos nossos lados. O «ESPOZEN-DENSE» não desiste nem desistirá jámais desta campanha, porque a considera justa e de progresso para a vila. Este é o seu papel. O dos outros não sabemos...

Poderemos nada adiantar, mas contudo asseguramos os deveres que são reservados a jornais como o nosso: **Tudo por Espozende e nada**

RUM RECTATO

DE

**ESPOZENDE**

O auto seguia em grande velocidade, deixando atraz de si nuvens espessas de poeira e de fumo, que turbilhavam pelo espaço em ondas sufocantes.

A meu lado, silenciosa, aborta na paisagem ridente a D.<sup>a</sup> Anastacia, abrangia com a vista, todo o film imponente da natureza, que se ia desenrolando durante o percurso.

Ladeando a estrada renques de madre-silva, flores de variadas cambiantes, festoavam os muros de grinaldas multicores, que brotam ao natural, sem o auxilio do homem! Campos cultivados, com esmero e carinho, ricos de seiva, representando dias de aturado labor, perenes de canceiras, exaustivos de trabalho.

Para além, elevações de terreno, de exuberante vegetação,

**contra êle.**

É' êste *ipsis verbis* o caminho a seguir, quando nos propomos a defender o torrão onde nascemos, quando na rialidade a ele mais alguma coisa do que o *interêsse* nos prende.

## FESTAS E ROMARIAS



Alguns trechos das ultimas festas de S. Bartolomeu do Mar.



ramadas de emaranhada folhagem, onde circula em abundância a clorofila, terrenos que vão subindo em recortados planaltos e que desaparecem ao longe... no limite do horizonte!

Depois... o cenário mudou. Avistavam-se as primeiras casas... O auto moderou o andamento e entrou no Porto em marcha regular. A cidade que ao domingo jaz adormecida, apresentava um aspecto festivo, desusado, barulhento.

Eram ranchos que vinham chegando para a formatura da grande parada regional, cantando e dançando, ao som dos instrumentos mais em uso, nas povoações de Entre Douro e Minho, indiferente ao sol torrificante que dardejava raios de fogo, sobre aquela avalanche humana.

Dirijimo-nos á Trindade onde ouvimos missa, a tradicional missa da uma hora, repleta de feis, alegria dos retardatarios, de quem prefere ao atrativo do despontar da manhã, o encerramento num quarto até ás onze horas!

Assistimos ainda ao grande desfile que teve a sua maior imponencia na descida de Santa Catarina.

Trajos typicos, conforme a região.

Moças com roupas de côres berrantes, predominando as vienezas; homens de jalecas, faxas garridas, chapéus enfeitados de flores de papel; lavradeiras idosas, saias sarapintadas, aventais ás riscas, lenços pintalgados... rôcas na cinta, estrigas de linho, nos dedos o fuso, por onde o fio passava, a fingir que fiavam!

Instrumentos musicais, havia de tudo violas, violões, cavaquinhos, armónicas, flautas, bombos, pandeiretas, castanholas, ferrinhos, tudo numa bizzaria de côres e de sons.

A traz e aos lados, cêsto á cabeça, cheios de comestiveis... a eterna maçada de prover ás necessidades prosaicas dos estomagos.

Fomos também ao Palácio das Colonias. Não queriamos deixar de apreciar, de perto, o garbo do grupo original da nossa aprazivel vila de Espozende. Quando chegamos ao antigo Palácio de Cristal, este já estava transformado num enorme arraaial minhoto. O chão, juncado de toalhas alvissimas e sobre elas, dispersas, peixe, carne, bolos, pasteis, frutas, regueifas, garrações, cabaças, e... bom apetite para devorar!

Não havia um só lugar onde se pudesse disfrutar a caricia duma sombra.

Tudo avassalado pela multidão, que não exceptuou o proprio relvado do jardim, onde muitos romeiros se estenderam

A VOZ DE LONGE

DOS

## ESPOZENDENSES

Se por essas terras que demos os primeiros passos, abrindo os olhos para o mundo para conhecer-lhe todos os encantos e todas as illusões, ouvissem a voz dos que vivem auzentes, por certo ouviriam de quando em quando a prece saudativa que todos os corações entoam tecendo um hino á terra que lhes foi berço.

Os espozendenses, quasi sempre na sua unanimidade, formam uma comunidade do bairro da Saude.

Todos os fragmentos de Espozende, que mar em fóra aqui

za que muito ganhou com o contacto que teve com o seu caracter diamantino, e que envio o cliché, onde vão ter a confirmação da sua amizade pela nossa gente, fazendo reproduzir nas colunas do «Espozendense» exactamente aquilo que aqui publiquei.

## BATISADO

Na residência do casal Silva Pinto, realizou-se o batizado do menino Adolfo da Silva Pinto e sua esposa D. Maria da Silva Alves Machado.

Torna-se um acontecimento



Uma pose especial dos pais, padrinhos, e varios convidados do interessante Adolfo.

aportam, ali se vão juntar, espalhando o seu sentimento e os seus costumes que vão transmitindo aos de mais, até se fazer fusão, fundindo-os.

Vivendo com a mesma alma, com o mesmo sentimento, com a mesma dedicação, com a mesma sinceridade, se confunde muitos brasileiros e portugueses, que comungam as mesmas alegrias e as mesmas dôres.

Mas, entre estes—um rapaz se destaca pela sua afeição ás coisas espozendenses, na sua constante dedicação por aquilo que nos é caro, pela sua exaltação de fé á Senhora da Saude, por tudo enfim!—Esse rapaz é DOMINGOS PEREIRA PRAIA.

Domingos Praia—Espozende conhece-o e tenho a certeza

social em virtude do relevo que lhe emprestou um nucleo de amigos, previamente convidados pelo padrinho, o nosso amigo e colaborador Domingos Pereira Praia, distinto oficial de Marinha Mercante.

Após a cerimonia ali se serviram num brodio creio de alegria, não só o nosso director Albano da Silva Mendes, como os nossos redactores Armindo Eiras e Francisco Garrido (Chaby do Pinheiro) e ainda os senhores Antonio Pereira da Costa, Alipio Coudelo Lebre, tio do padrinho sr. Domingos P. Praia, José Ribeiro da Fonseca, Egidio José de Carvalho, Luiz de Araujo Neto e as senhoritas Angelina Moreira Neto (nadrinha), Aizira Moreira Neto, Maria Costa e

para descansar. Dormir... era impossivel! O arruido festivo atingiu o maximo, depois do repasto e das constantes libações provocadas pelo calor. Musica, descantes, jogos de roda, bailados e o rádio, que não deixou de executar o programa entremeado com as participações uteis, de que se havia perdido uma criança, indicando o vestuario, a côr dos olhos, do cabelo, o nome... o que succedeu dezenas de vezes!

A Avenida das Tílias, que foi crismada com o nome de Avenida da India está guarnecida de vistosos «stands» nunca abrigou sob as suas frondes antigas, visitantes de tão espontanea alegria!

O interessante comboio—que sai da estação á entrada do Palácio, e que atravessa a Praça

Laura Costa.

No meio do agape, falou o sr. Armindo Eiras, referindo-se á solenidade, sintetizando a significação do acto, em virtude de ser Domingos Praia o padrinho, patenteando dessa maneira, a sua amizade á gente de Espozende, comungando da mesma alegria e da mesma dôr.

Para tal, quiz emprestar o seu nome a essa creança que recebeu na pia baptismal o nome de Adolfo, para que fôsse o reflexo do grande amplexo que o une a tal gente.

Em seguida, falou o nosso Director, que teceu um hino ao Casal, refletido o botão de amor cuja essencia exalava o ambiente, atravez daquêla esperança que se via no colo de Maria Machado.

Em seguida Francisco Garrido, sempre chistoso, não só cantou varios fados, (assim como o padrinho Domingos Praia) como também contou anedotas que muito fizeram alegrar a todos.

Trocados varios brindes, sempre em manifesta alegria, foram tiradas várias chapas do acto, sendo saudado na pessoa do nosso director «A Voz da Classe».

## UMA ESPERANÇA

Ao casal Adolfo da Silva Pinto e Maria da Silva Alves Machado.

Transportei-me ao Ser Divino  
Quando vi o teu menino  
Com a sua alma inocente...  
Erguer os olhos para os céus  
Como se pedisse a Deus  
A Graça para toda a gente  
O Adolfo pequenino  
Não sabe ainda o destino  
Que no mundo tem traçado...  
Mas... estou certo que a ventura  
Orná-lo-á sempre para  
Como no seu batizado.  
O seu olhar sorridente  
Fôra até ao onipotente  
Que o acolheu com carinho...  
E em sua imensa bondade,  
Marcou a felicidade,  
Ao estremecido anjinho.  
E todos lhe dando um beijo  
Manifestaram o desejo  
Que nunca lhe chegasse o mal...  
Para entre venturas mil.  
Pudesse enlear o Brazil  
Aos filhos de Portugal.

ARMINDO EIRAS.



do Imperio e segue pela Avenida da India, rua de Timor, rua da Beira, Avenida e Moçambique, Avenida de Angola, rua do Principe—era tomado de assalto, assim como todos os divertimentos, inclusivé os do «Luna Parque» sendo difficil aos empregados conter a impetuosidade do povo. Felizmente o serviço da policia foi magnifico.

O calor era de queimar o pó secava a garganta.

Os refrescos de salsa e groseille findaram; as cervejas, esgotavam-se rapidamente, apesar do camião da Companhia descarregar garrafas ás centenas. O chá, a bebida predileta... acabou.

Resolvemos deixar a nossa visita à exposição colonial para dia menos concorrido e mais oportuno para uma observação demorada. Saimos do Palacio, dando o nosso lugar aqueles, que, nem sempre se lhes oferece occasião para verem um espectáculo erudito.

A exposição é para todos, qualquer que seja a sua categoria social.

#### MANUELA.

#### PRIMEIRA COMUNHÃO E CRISMA NA CAPELA DA BARCA DO LAGO

Como noticiamos no sábado, realisou-se; n'aquella mesmo dia, a primeira comunhão e Crisma da menina Maria Alzira Pereira da Costa Fonseca, bem como de dois netinhos da senhora dona Alzira Martins Pereira da Costa, cunhada do snr. Delfim Pereira da Costa, de nomes Mario e Maria Alzira, a quem a primeira neo-comungante convidara a associarem-se á sua festa.

Em o dia 24 do corrente, ás 19 horas, descia do seu automovel, á porta do palacete do snr. Delfim Pereira da Costa, acompanhado do seu Secretario, Sua Excelencia Reverendissima, o venerando Bispo de Vila Real, Senhor Dom Antonio Valente Fonseca, onde teve uma carinhosa recepção, não só da numerosa Familia Pereira da Costa, mas tambem d'uma grande parte da população de Gemezes.

Sua Ex.a Reverendissima deu o Sagrado Anel a beijar, acariciando as criancinhas, ainda as mais pobres e humildes; rendeu respeitosos cumprimentos; e subiu, entrando para os luxuosos aposentos que lhe eram destinados.

A' 20 horas foi servido o jantar, onde se mostrou afavel para todos; findo o qual, acompanhado do seu Secretario particular, do snr. Delfim Pereira da Costa, do snr. Pedro da Fonseca e d'outros cavalheiros, passeou na estrada, em frente do formoso Lago, contemplando as belezas do Cavado, disfructando a fresca da noute, e reconfortando-se do calor sofrido, durante trez e meia horas de viagem, de Vila Real á Barca do Lago,

No dia 25, ás 9 horas, era Sua Excelencia Reverendissima aguardado, ao portão do palacete, por cento e dezesseis creanças da Cruzada e por uma grande multidão de povo de Gemezes e das povoações visinhas. Logo que visitado foi, trazendo diante de Si os neo-comungantes e outras creanças com tiças

de flores, vestidas de anjos, e antecedido da Familia Pereira da Costa e seus convidados, seguiu toda a comitiva para a capela, cantando os Cruzados o hino «Sálve Eleito de Christo» e o dos «Cruzados».

Quando entrou a porta da Capela, cuja entrada havia sido vedada á multidão de povo, os cantores entoaram o introito «Ecce Sacerdos Magnus», acompanhado a harmonium, e outros canticos adequados, em quanto Sua Ex.a Reverendissima ajoelhado no seu genuflexorio diante do altar do S. S Sacramento fez oração, precedido dos trez neo-comungantes, ajoelhados tambem em genuflexorios proprios, sobressaindo entre estes o da menina Maria Alzira Pereira da Costa Fonseca, que occupou o lugar do meio.

Terminada a oração, sentou-se o virtuoso Prelado na sua cadeira, armada de docel, onde recebeu das mãos do Seu secretario e das do abade de Perelhal, José de Sousa, os paramentos para celebrar a santa missa, servindo-lhe os meninos de ministros assistentes. Nesta foram consagradas as particulas para comunhão dos neo-comungantes e das duzentas e trinta e quatro pessoas, que receberam das mãos de Sua Excelencia Reverendissima o Deus Hostia. Em antes, porém, de administração da sagrada Comunhão o talentoso e piedoso Bispo fez, do altar, um sermão ou antes alocução aos neo-comungantes e a todos os assistentes, que poderam entrar dentro da Capela—tendente ao acto—que por espaço de tres quartos de hora, comoveu e fez brotar de muitos olhos lagrimas de piedade, amor e arrependimento Christão.

Acabada a missa, voltou Sua Excelencia Reverendissima a falar ácerca do Sacramento da Confirmação, preparando os assistentes, que esperavam ser confirmados, a receber o crisma com as devidas disposições; instruindo a todos sobre os eleitos do Sacramento; e advertindo que voltava ao palacete do snr. Pereira da Costa para os neo-comungantes tomarem o pequeno almoço; mas que, passada meio hora, voltava á capela para continuar o serviço religioso.

Organisou-se de novo o cortejo, entoando as creanças da Cruzada os já referidos canticos, no acampamento do bondoso Prelado até ao portal do Palacete, onde foram distribuidos dois pães a cada creança.

Tomado o pequeno almoço, foi o senhor Dom Antonio Valente Fonseca acompanhado á capela, como o havia sido da primeira vez; e ali administrou o santo crisma a 180 pessoas, regressando ás trez horas, aclamado por uma imensa multidão e pelos canticos religiosos dos cruzados, até ao portão do snr. Pereira da Costa. Ali deu o sagrado anel a beijar, despedindo-se dos Cruzados que, disse, «levava no Coração» e do povo.

Serviram ás «lavandas», tanto no augusto sacrificio da missa, como no sacramento da confirmação os snr.s Delfim Pereira da Costa, Pedro Maria da Fonseca e Dr. José Julio Vilaça.

Foram padrinhos no Crisma para as pessoas do sexo feminino, as senhoras Dona Alzira Pereira da C. Fonseca e dona Carolina Pereira da Costa Furtado; e para as pessoas do sexo masculino o abade de Gemezes, em parte e o snr. Delfim Pereira da Costa Mendes para os restantes.

A capela, cujo pavimento esta-

va inteiramente tapetado a veludo, foi primorosamente ornamentado a sêda e setim por o melhor armador da cidade do Porto, trabalhando na ornamentação dois artistas durante dois dias.

O palacete do snr. Pereira da Costa vestia de gala, pendendo das suas dez janelas e trez sacadas, que davam vista para a estrada treze primorosas colchas de sêda e setim, antiquissimas e de muito valor.

Apesar das ordens terminantes do senhor Dom Antonio Valente, em que dizia para não se fazer coisa alguma, que cheirasse a paganismo ou arraial, proibindo foguetes e musica, os rapazes do logar cobriram toda a estrada, desde a Capela ao Cruzeiro da Barca, de hervas verdes, de fetos, de abroteas, folhas de loureiro e flores; ergueram um belo arco, todo enfeitado de flores e levantaram duas fileiras de pinheiros novos, cheios de rama e flores, por meio das quaes passou o cortejo, nas idas para a Capela e regresso ao palacete.

Além do povo, que conseguiu entrar na Capela, vimos assistir aos dois actos religiosos na mesma as Ex.mas Senhoras: Dona Alzira Pereira da Costa Fonseca, Dona Carolina Furtado, filha e duas netinhas, Dona Cristina d'Almeida, Madame Amorim, Dona Alzira Martins Pereira da Costa, Dona Alzira Ferreira, e mademoiselles Maria Julia Vilaça, Maria Helena Vilaça, Maria Alice Furtado, Maria Margarida Martins, Maria Beatriz Martins etc; e os ex.mos snr.s Dr. José Julio Vilaça, José Mesquita, Mario Ferreira, Antonio Nunes de Souza, Abilio Augusto Ribeiro, Eduardo João Amorim, Manoel João Amorim, Jacinto Furtado e Raul Pereira da Costa, etc.

A's quinze horas, foi servido por criados, de casaca, vindos do Porto, um opiparo almoço ajantado, sob a presidencia do senhor Dom Antonio Valente, que tinha á direita a senhora dona Alzira Pereira da Costa Fonseca, á esquerda Madame Amorim e em frente os snr.s Pedro Maria Fonseca e a neo-comungante Maria Alzira Pereira da Costa Fonseca, sentando-se os restantes convivas, em numero de 36, nos logares designados pelos cartões.

Ao champagne, o snr. Pedro Maria da Fonseca levantou-se e em palavras repassadas de gratidão, nascidas d'um espirito dotado de uma cultura invulgar, saídas da boca de um verdadeiro artista da palavra, e pronunciadas com aquella emoção, sentimentalismo e gesticulação, naturais dos grandes oradores, agradeceu ao senhor Dom Antonio a honra que lhe fez, descendo do solio de Vila Real á humilde Capela da Barca do Lago para administrar a primeira comunhão á sua querida filha, que já havia baptisado quando Abade de Cedofeita. Pouco tempo depois levantou-se; e na mesma primorosa linguagem, agradeceu aos convivas restantes, testemunhando a todos e em especial a seu sogro, snr. Delfim Pereira da Costa a sua muita amizade e consideração.

Então o snr. Dom Antonio Valente tomou a palavra, e, em phrases repletas de unção evangelica, disse que o seu brinde abundaria nas mesmas ideias e doutrina, que já expendera em antes de comunharem os tres meninos e o povo; incitou a todos a cumprir os mandamentos da Lei de Deus, a respeitar

as Leis da Santa Igreja, a usar de Caridade para com os nossos irmãos em Jesus Cristo, principalmente para com os pobres e operarios; e, fazendo outras considerações ácerca dos deveres para com Deus e para com a Patria, vendo lagrimas no rosto de alguns convivas, levantar a sua taça e pediu que bebêssemos pela felicidade espiritual e material dos neo-comungantes, dos pais, avós, tios e familia dos mesmos, e dos convivas presentes, e pela prosperidade da Santa Igreja, do Papa e de todos os católicos.

Em seguida o snr. Dr. José Julio Vilaça, impressionado pelo brinde do senhor Dom Antonio Valente, levantou-se e disse: «meus senhores o bondoso Prelado de Vila Real traçou o caminho que nós todos, pequenos e grandes, novos e velhos, devemos seguir para sermos felizes neste e no outro mundo, ouçamos a sua voz que é a voz de Deus.»

Pouco depois o senhor Bispo fez com os circunstantes orações de agradecimento a Deus e acompanhado pelos snr.s Delfim Pereira da Costa, Pedro Fonseca, Secretario particular, clero assistente e outros cavalheiros, dirigiu-se em passeio a visitar o Campo dos Eucaliptos, regressando uma hora depois para tomar o caminho de Vila Real.

A despedida fei comovente.

Foram tiradas várias photographias, tanto dentro da Capela, como nos trajectos para esta e para a casa pelo Ex.mo Sar. José Mesquita, do Porto, consagrado jornalista.

Salvé dia 2 de Agosto de 1902  
e 25 de Agosto de 1934!

#### O MAR ALTEROU-SE E OBRIGOU 60 BARCOS A REFUGIAREM-SE NO PORTO DE VIANA DO CASTELLO

Do «Correio do Minho» recortamos o seguinte: «Arribaram a este porto 60 barcos da apanha de pilado, pertencentes a Averno-inar, Aguçadoura, Fonteboa, Apulia, Marinhas, S. Bartolomeu, S. Paio de Antas e Castello do Neiva.

A causa da arribada foi o mar ter-se alterado ao largo.

Como na doca não ha abrigos para barcos de pesca; as embarcações arribadas foram recolhidas no Cabedelo.

Os 60 barcos tem aproximadamente cerca de 300 tripulantes.»

Mais um exemplo frisante, que nos prova a necessidade da construção do novo porto de abrigo. Se aqui já tivessemos o nosso, seria necessario terem de se refugiar em Viana do Castello? Julgamos que não.

Estes factores são o sufficiente para servirem de estímulo ás forças vivas a quem o destino de Espozende está e muito bem entregue.

#### AFERIÇÃO DE PESOS E MEDIDAS

Por intermedio do Governo Civil a Comissão Administrativa Municipal de Espozende solicitou do Ministerio do Comercio e Industria autorisação para prorogar o prazo destinado ao aferimento de pesos e medidas.

#### VISITA

En visita ao nosso amigo sr. Filipe Gomes, esteve nesta villa na semana passada o snr. Casimiro Campos Heitor, acompanhado de sua ex.ma familia.



**PARA O GEREZ**

Partiu para a instância do Gerez, a Ex.a Snr.a D. Tereza Magalhães, mãe do nosso amigo e distincto clinico, nesta vila, dr. Joel Magalhães.

Ainda esta semana tivemos o prazer de ver chegar a esta vila o Ex.mo Snr. José Candido da Silva Ramalho, acompanhado de sua Ex.a familia.

**DR. EUSEBIO PRIETO**

De passagem nesta vila, tivemos ocasião de cumprimentar o Ex.mo snr. Dr. Eusebio Prieto, digno Reitor do Liceu de Sá de Miranda, de Braga.

**TRAINEIRA NOSSA SENHORA DE FATIMA**

No ultimo sábado, saiu a nossa barra a traineira Nossa Senhora de Fátima, feita nos nossos estaleiros.

Encontra-se entre nós com sua ex.ma esposa o nosso velho amigo e distincto professor oficial em Alvelos, Barcelos, snr. Manoel de Souza Almeida.

**Souza Machado**

Foi ultimamente requisitado para servir na Guarda Nacional Republicana o ex.mo sur. Tenente Alberto de Souza Machado, da Delegação dos Serviços de Censura á Imprensa, em Viana do Castelo, cujo lugar vinha desempenhando ha anos com muita actividade e superior retidão.

**ESCOLA DE FORJÃES**

Na ultima quarta-feira, foi lavrada a escritura da entrega do magnifico palacete, onde vão funcionar as escolas officias de Forjães, oferecida pelo grande benemerito snr. Antonio Rodrigues Alves de Faria.

No proximo numero referir-nos-emos a este caso com a amplitude que merece.

**ASSEIO E HIGIENE NAS PADARIAS**

Consta-nos q̄ em algumas padarias das freguezias do nosso concelho, e freguezias limitrofes de outros concelhos, não se observam as mais elementares regras do asseio e higiene, tão necessarias nestes estabelecimentos.

Não faz sentido q̄ o povo das aldeias esteja a comer o pão com repugnância. Por que se não faz uma vistoria a essas padarias e se fecham todas as que não ofereçam garantias?

Tambem não faz sentido q̄ se extja a alguns destes estabelecimentos licença para esse efeito e para outros não haja olhos de ver obrigando-os ao cumprimento, da lei, parecendo que estes maganões tem lampada acesa em Meca.

Chamamos a atenção da Inspeção técnica para estas anomalias.

Já se encontra em casa de sua familia em S. Paio de Antas, o menino Eduardo, filho iolatrado do nosso amigo snr. Manoel Pereira Viana, estimado comerciante daquela localidade—de regresso da cidade do Porto onde foi submetido a uma melindrosa operação com ottimos resultados.

As nossas felicitações.

**CARTA ABERTA**

AO

**SNR. ZELADOR MUNICIPAL**

Os porcos andam na rua  
A passear livremente,  
'Sta-se a ver, a culpa é sua  
E' que o senhor o consente.

Dois até, que piadão  
Atrevidos, mal dispostos  
Foram a uma redação  
Protestar contra os impostos.

A galinha, o pintainho,  
Na rua a veranejar  
Vão até ao Pelourinho,  
Talvez para o saudar.

Fazem despejos na rua  
Eu coisa assim, nunca vi,  
Receiam tanto a lua  
Como o receiam a si.

Oh meu caro Zelador  
Onde estava vosse metido?  
Apareça por favor  
Deixe de andar escondido.

Parece que o desviam  
Das suas brigadiões  
Olhe que os prósos já chiam  
Cautela com os mandões.

Pónha á cinta uma espada  
E na cabeça um boné  
Dé lambada e mais lambada  
Que juro por minha fê  
Que não corre nenhum risco.  
O seu lugar é cá fora  
Mande apauhar todo o cisco  
Que uinguem o manda embora.

O rapazio danado  
Sempre disposto ao mal,  
Atrevido, malcreado,  
Parte os vidros da Central.

O pontapé é da moda  
Hje quem manda é a bola  
Emquanto não pára a roda  
De-lhe p'ra baixo na tóla.

Pelxe aqui não se ve mais  
Parece mesmo uma praga  
Apenas se vê no cais  
Enigra logo p'ra Braga

E lá vai a regateira  
No carro refastelada  
Um dia de pagodeira  
De vinhaça e batelada.

Não vê que são coisas tortas  
De carregar o sobre olho  
As pescadeiras, ás portas  
A catarem o piolho!

Permita-me que lhe diga  
Sem intenção de malicia  
Vosse não vê, não lobriga  
Em cada canto um policia?

E' uma verdade, que importa?  
Desde Caminha até Sagres,  
Que Santos de ao pé porta  
Nunca fizeram milagres.

Espozende, não sei quantos  
Nein dia, nem mez, uen ano.  
Formosa terra de encantos  
Assina isto—

UM FULANO.

**Os inimigos do progresso**

O atrazo, a miseria das nossas vilas, das nossas aldeias, reside precisamente nos entraves que alguns filhos desta vila querem impór ás medidas mais urgentes que se pretendem realizar.

A incapacidade tão largamente manifestada por aqueles que tinham a restricta obrigação

de pugnar por a sua terra, deve sêr impreterivelmente combatida, e destruida para sempre.

Todos nós sabemos por dolorosa experiencia, que a nossa vila não tem o seu abastecimento de aguas!...

E' grave, gravissimo, o estado em que se encontra o unico fontenario que possui a vila de Espozende.

E, sendo assim, em virtude de nesta vila escassear a agua há bastantes dias, e a população sofrer a falta deste precioso liquido, o Ex.mo Snr. Presidente da Camara, mandou dois operarios aos depositos do dito fontenario, constatar se neles existia alguma agua, ou se os canos do dito, estavam entupidos. Imediatamente foram cumpridas as ordens de sua Ex.<sup>a</sup>, mas ao levantar as tampas dos depositos, os operarios constataram com desolada tristeza, que os mesmos não continham gota de agua.

Agora pergunto: porque motivo se protesta contra o emprestimo?

Pois bem: todos aqueles que manifestam má vontade que o emprestimo seja concedido, devem ao menos cumprir o seu dever, de como bons filhos desta terra, que dizem sêr, saíam do seu comodismo habitual, e procurem vêr em que precarias condições se encontra a nossa fonte publica.

E', sobre este assunto, que os periodicos desta vila se devem manifestar, é um dever que se impõe, pugnar pelo engrandecimento da sua terra.

Deixemo-nos de represalias, e trabalhem todos por o bem estar do nosso povo.

Quem sou? Sou um simples trabalhador, sem protecção, sem amigos, apenas tenho os meus braços que me ajudam a ganhar o pão quotiano; mas quero o bem estar da minha terra, quero que todos os meus conterraneos saibam sêr bairristas, mas bairristas a valer, e não só de palavras; obras meus senhores, obras.

O que se vê, porém, é que os nossos colegas, não querem que aqueles que prezam de saber alguma coisa, tenham a petulancia de dirigir qualquer trabalho, que não seja debaixo do dominio dos snr.s de toda esta trinca.

Não pode sêr, tambem precisamos de viver.

Finalmente se não nos subjugamos aos nossos colegas, é porque quando trabalhamos, queremos receber; e quem não pode ter um navio, tenha simplesmente um barco.

Quando aparecem operarios com alguma luz para se abalancharem a certos serviços, surgem de emboscada os invejosos, per-

seguindo-os, e acusando-os.

E se quizessemos provar com factos bem conhecidos as afirmações que ai ficam, bastaria recordar o que foram para a classe operaria, alguns dos nossos colegas que se dizem protectores do operariado do concelho.

(Continúa)

Mestre Joaquim da Cantaria.

**DECLARAÇÃO**

Eu, Antonio Duarte, casado, industrial, desta vila de Espozende:—Declaro que tendo o senhor Artur Marques Henriques, tambem casado, industrial, desta mesma vila, feito uma queixa contra mim, em virtude de umas palavras por mim proferidas, lhe venho dar amplas e completas explicações. E' certo que, publicamente, proferi as palavras ofensivas de que ele se queixa, mas isso foi em um momento de grande exaltação, filiada em interesses feridos, e só assim se pode justificar o meu procedimento, pois reconheço que o senhor Artur Marques Henriques, é pessoa de toda a probidade, digno e correcto, não havendo de minha parte o menor desejo de o ofender, e me prontifico a pagar todas as despesas por ele feitas, inclusivamente os honorarios do procurador e despesas de transportes.

Espozende, 27 de agosto de 1934.

Antonio Duarte.

(Segue-se o reconhecimento.)

**CARTÕES DE VISITA**

De fina qualidade, fazem-se com esmero e perfeição nesta tipografia.

**«O Espozendense»**

Vamos proceder á cobrança do ultimo semestre do «ESPOZENDENSE», contando de todos os nossos subscritores com o pagamento do mesmo.

**Espozendenses!**  
**Assinal, propagai e**  
**anuncial no**  
**«ESPOZENDENSE»**